



## ■ TRATADO MÉDICO-FILOSÓFICO SOBRE A ALIENAÇÃO MENTAL

Autor ► Philippe Pinel

Tradução ► Bruno Barreiros, Nuno Melim, Nuno Miguel Proença

Editor ► Edições Colibri (ISBN 978-989-689-087-2)

« Pinel é o fundador da psiquiatria moderna e o “Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental” é parte intrínseca desse acto de fundação. Com efeito, Pinel foca a especificidade da doença mental, descreve as suas manifestações, elabora um quadro conceptual sistemático, propõe um método de tratamento com uma forte componente psicoterapêutica, formula princípios para a organização de um hospital psiquiátrico.

O conceito de alienação transporta, desde logo, um olhar sobre a doença mental e o respectivo método de tratamento: o alienado é alguém que está fora de si, cuja razão, entendida como função integradora e orientadora do *Self*, se encontra perdida. Nesta perspectiva, o louco é um caso singular de alguém que se afasta da comum humanidade por uma perturbação, mais ou menos grave, da relação consigo e com os outros. O corolário imediato na noção de alienação mental é que ela é explicável e se pode lidar com ela, tratá-la, contendo-a dentro de certos limites e, porventura, mesmo curá-la. A pergunta é, então, pela sua génese, desenvolvimento, fenomenologia e necessidade.

Pinel assume-se como um reformador, não como alguém que começa *ex novo*, numa atitude de ruptura com a tradição. Muito longe disso, inscreve a sua obra no legado hipocrático, renovado ao longo do tempo, nomeadamente no último século, por obra especialmente de G.-E. Stahl. Hipócrates “deu o exemplo geral do método descritivo mais severo; e homens feitos para apreciar tomam-no por modelo nos seus primeiros esboços sobre a história e o tratamento da alienação mental. Não há nada mais judicioso do que aquilo que Areteu nos transmitiu sobre traços distintivos desta afecção nervosa, a sua disposição para as recaídas, o grau de excitação física e moral que ela produz” (...). No que respeita a Stahl, os termos de Pinel são muito vigorosos: “Mas que finura de observação e que arte na ligação dos factos! Porventura, nenhum Autor, desde Hipócrates, aduziu uma lógica mais sã e perspectivas mais amplas na teoria da Medicina”. Hipócrates, Areteu, Van Helmont, Stahl e Crichton são os mais respeitáveis exemplos a seguir pelo médico da alienação mental.

A medicina é uma arte de observar, mas, logo na introdução da primeira edição do *Tratado*, o autor demarca-se do “empirismo limitado” e lamenta “que se tenha negligenciado o ponto de vista puramente filosófico da alienação”. Se bem interpreto, *ponto de vista puramente filosófico* significa procedimento metódico segundo um horizonte sistemático. Daí que, apesar do respeito que lhe merece “a seita rígida dos observadores”, Pinel exija mais no plano operativo e no plano conceptual: uma atenção disciplinada e bem enquadrada por um “sistema”, que estabeleça distinções exactas.

Nessa introdução, Pinel adota uma atitude de exigente prudência a respeito do conceito organizador da sua obra: “Seria uma má escolha tomar a alienação mental por um objecto particular das suas investigações, entregando-se a discussões vagas sobre a sede do entendimento e a natureza das suas lesões diversas; pois *não há nada mais obscuro e mais impenetrável*” [it. meu] (...). Sob este aspecto, Pinel desenvolve um apurado trabalho conceptual, que o leva a ser mais assertivo. Com elegante simplicidade e precisão, o extenso artigo “Alienação”, inserido no “Dicionário das Ciências Médicas”, começa assim: “Chama-se *alienação mental* o desvario da razão. Porque o alienado está fora de si mesmo. *Alienação* é uma palavra genérica, destinada a exprimir o carácter comum das diversas espécies de alienação, um vasto quadro das quais é oferecido por um grande hospício, se ele for dirigido com ordem”. A alienação mental adquire um estatuto ordenador, relegando para segundo plano o conceito de mania.

Antes de focarmos o cerne do projecto de Pinel, convém evidenciar as orientações de que ele se demarca: o empirismo cego, as intermináveis discussões metafísicas e a ideologia. A demarcação em face da metafísica não oferece dificuldade, porquanto é essa via principal da ciência moderna, tal como se entende a demarcação em face do empirismo “cego”, já que os factos não falam por si, é preciso organizá-los e torná-los inteligíveis. A demarcação em face da ideologia é menos óbvia, dado que o projecto de Destut de Tracy é em grande medida similar ao de Pinel: indagar a fisiologia do espírito humano, identificando as várias faculdades e o modo como elas se ajustam entre si. Ambos partilham a concepção típica do seu tempo, que vê na sensibilidade não apenas a primeira faculdade do espírito mas também aquela que lhe imprime o seu carácter: “Pensar, como vedes, é sentir e nada mais que sentir”. Na formulação de Destut de Tracy, nós somos dotados de sensibilidade, memória, juízo e vontade, mas todas estas operações se incluem no âmbito da sensibilidade e é esta que constitui a base da personalidade. No entanto, o espírito do empreendimento de cada um dos autores não é o mesmo. A ideologia está evadida de um espírito de hipótese, que a separa do caminho seguido pelas ciências naturais. Julgo que é disso que se trata logo no início do *Plano Geral da Obra*: “Foi intencionalmente que escolhi o tema mais obscuro, e porventura o mais exposto a divagações eternas, *se nos entregarmos ao espírito de hipótese*: e que objecto deve revelar-se mais maravilhoso e mais difícil de conceber do que a natureza das funções do entendimento humano, o seu desenvolvimento progressivo, os seus diversos graus de energia, as suas mudanças através de impressões físicas, e as aberrações que elas podem contrair? Remonta-se ainda mais dificilmente à origem das diversas lesões isoladas ou reunidas que podem afectar a percepção dos objectos exteriores, a memória, a imaginação, o juízo, o sentimento da própria existência; e pode-se observar a mais pequena ligação entre estas lesões diversas e a estrutura do órgão que parece ser a sede respectiva? Logo, deve propor-se um fim mais fixo, e seguir uma marcha mais segura: *ater-se estritamente a observar os factos, elevar-se a uma história geral e bem caracterizada da alienação mental*, o que só pode resultar do confronto de um grande número de observações particulares, delineadas com grande cuidado durante o curso e os diversos períodos da doença, desde o início até ao fim” (...).

Observar estritamente os factos e delinear a história da alienação mental. Observar é uma arte que se apura com exercício e disciplina. A história da alienação mental é o ponto fulcral do intento pineliano, que visa a naturalização do espírito, segundo o modelo das ciências físicas: “A história da alienação mental entra então na ordem das ciências físicas e merece tanto mais ser objecto de um estudo sério quanto o tratamento desprovido dessa base se reduz a tateios perigosos ou a um empirismo cego” (...). Diferentemente da matemática, a ciência física é descritiva, ou seja, histórica. No léxico do século XVIII, histórico significa uma sucessão regular de factos, cuja descrição vale como explicação. É este o sentido que encontramos em Kant e Hegel, mas a noção tem a sua génese na tradição médico-filosófica.

Thomas Sydenham, o mais notável clínico do século XVII, o “Hipócrates inglês”, que teve “um papel fundamental na investigação da interioridade, do si”, confere um lugar central à história da doença. Nos termos deste autor, o progresso (*incrementum*) da “nossa Arte” tem como requisito primeiro “que ela tenha, tanto quanto isso é possível, a *História* ou a descrição escrita e *natural (graphica & naturalis)* de todas as *doenças*”. A escrita desta história, que Sydenham adverte ser muito mais complexa do que habitualmente se pensa, implica uma verdadeira arte, prestando atenção ao conjunto e aos mais ínfimos pormenores (...)

(Do texto introdutório “Pinel e a Fundação da Psiquiatria”, da autoria de Adelino Cardoso, do Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL)